

# Editorial

**4** MARCOS  
PAMPLONA

**10** KATIA  
HORN

**14** EDILSON  
PEREIRA

**9** EDRA  
MORAES

**11** MARCELO  
DE ANGELIS

**15** ANA  
MORAES

**16** OTTO L.  
WINCK

**18** PEDRO PAULO  
FUNARI

**24** JULIANA  
LANZARINI

**17** MARIA C.  
DE BONIS

**22** JONATAN  
SILVA

De tempos em tempos, buscamos sair um pouco de nosso calabouço conceitual – leia-se: nosso meio literário e seus melindres que lembram temporadas ruins de Malhação – e dialogar com outras plataformas de conexão textual, como a publicidade (hunpf!), a política (vishhhh...) e a contemporaneidade das redes sociais (seja lá o que isso for).

Gostamos, de modo mais claro, de retrabalhar alguns aspectos do nosso espírito do tempo (nosso zeitg2swjnewdu) e talvez tenhamos certo apreço por perder os poucos assinantes e anunciantes que temos – foram quatro baixas ao todo, somando as duas frentes do último mês. A guerra: Serginho Diniz, nosso uber-empresarial da edição de maio. (Conferir galeria de Cartas do Leitor.)

De fato, temos um humor que muitas vezes beira a estupidez & a escatologia, reflexo não tardio de nossas mentes & corações (estamos para as duplas sertanejas ultimamente).

Acontecem três evidências: 1) Não ganhamos dinheiro com o jornal; 2) Mas também tentamos não dar prejuízo; 3) Queremos nos divertir. E no que tange ao terceiro tópico da trindade editorial, nossa diversão muitas vezes somente é divertida a nosotros e aos bêbados, o que nem sempre é digno de distinção.

Não faremos defesas do humor ou da liberdade de expressão. Somos um periódico sem fins lucrativos e que não se enleia com dinheiro público até por isso: para que só gastem conosco aqueles que se sentem convencidos da empreitada.

Na totalidade, cada mês é um tipo de convencimento. Para nós, que usamos nossas duvidosas capacidades intelectuais em um impresso literário, e para você, que nos lê e, porventura, nos divulga, financia ao assinar ou anunciar em nossas páginas.

E ainda temos a CRISE, o gigante Adamastor de nossos dias.

Uma boa leitura a todos.

## expediente

Fundado em setembro de 2010.

**Editor** Daniel Zanella

**Editor-Assistente** Ricardo Pozzo

**Ombudsman** Silvio Demétrio

**Revisão** Sim

**Projeto Gráfico** Também

**Impressão** Gráfica Exceuni

**Tiragem** 3500

## errata

Você já conhece o Telex Free?

## ilustrações

Todas as ilustrações dessa edição são de Francisco Ricardo.

<[behance.net/franciscoricardo](http://behance.net/franciscoricardo)>

*quer ilustrar para o RelevO? escreva  
para [jornalrelevo@gmail.com](mailto:jornalrelevo@gmail.com)*

## interwebs

 /jornalrelevo

 /jornal.relevo

 /jornalrelevo

@ jornalrelevo@gmail.com

## Enclave, a newsletter

Enclave é a nossa newsletter quinzenal editada por Mateus Ribeyre, o atleta menos enganado pela linha de impedimento. Em linhas gerais, é uma turnê de força por assuntos ocasionais do meio cultural, com apelo ao hipertexto: em um clique você pode ir de Jota Questa aka Maroon 5 a guerras nucleares (não temos certeza disso).

Para assiná-la, basta acessar:

<http://jornalrelevo.tumblr.com>

## prestação de contas mai/15

### ANUNCIANTES

**R\$ 100** Penalux; Bardo Tatára; **R\$ 50** Avon; Loterias Avenida; Fisk; Torto Bar; Toda Letra; Ehlkefarma, Monstera; Livraria Joaquim (total R\$ 600).

### ASSINANTES

**R\$ 25** Edison Veiga; **R\$ 50** Ezequiel da Silva; Paola Schroeder; Afonso Caramano; Demetrios Galvão. Estela Basso; Sandra Nodari; Carla Dias; Solange Viaro; Mariela Mei; Anthony Portes; Alexandre Guarnieri; Jandira Zanchi; Tarik Reis; Whisner Fraga; Marcelo Fedegger; Carlos Pessoa Rosa; **R\$ 150** Celso Martini (total R\$ 975).

### CUSTOS

Gráfica: R\$ 1.145  
Distribuição: R\$ 120  
Assinantes: R\$ 350

Receita total: R\$ 1.595  
Custo total: R\$ 1.575

**Balanço: - R\$ 20**

## Assine

O **RelevO** nunca foi reconhecido por ser bom na arte de fazer negócios. Por isso, nós dependemos tanto do apoio dos assinantes.

O que fazem os assinantes? Por R\$ 50 ao ano, recebem os exemplares no conforto de suas humildes residências. E é bem simples: basta enviar um email dizendo: "Como faiz?". Nós damos as coordenadas e a mágica acontece.

### da Enclave #34:

Só sei que talvez eu saiba. Em algum momento da vida, ou de seções de comentários na internet, você já deve ter percebido uma relação direta entre opinar demais e não ter a menor ideia sobre o que se fala. Lustremos, pois, o teto de vidro: podemos todos ser idiotas, é verdade. E sabe qual o maior problema em ser um idiota? Não reconhecê-lo. Mas calma lá, a Enclave não vai entregar uma lição de moral, tampouco oferecer dicas de autoconsciência. Estamos apesar apresentando o Efeito Dunning-Kruger.

Diretamente relacionado com a ilusão de superioridade – as pessoas tendem a se considerar acima da média, algo no mínimo estatisticamente engraçado –, o Efeito Dunning-Kruger consiste na crença de que sua competência é muito maior do que na verdade verdadeira. Os psicólogos Justin Kruger e David Dunning propuseram a ideia em um artigo de 1999, no qual se lê que, além de indivíduos superestimarem a própria qualidade cognitiva, eles também não conseguem enxergar a própria incompetência, bem como reconhecer a inteligência alheia.

Somado a isso, Kruger e Dunning chegaram à conclusão tragicômica de que, no outro lado da brincadeira, indivíduos realmente competentes tendem a subestimar a própria qualidade. Ignorância, pois, seria o maior combustível da confiança. "Conheço várias pessoas assim!", você proclama. Cuidado... ..  
Mua-Ha-Ha-Ha!!!

## Cartas do Leitor

### SAUDADE DO TEU RABO

**Clemilton Carvalho:** "o jornalista ostenta o seu rabo/ao pousar de costas/na capa do seu jornal//é uma bela juba/que me parece sedosa// ah! quero passar a mão/será que vai deixar?//estou ficando excitado/ só de pensar tal façanha/que é dar um puxão/em sua bela rabada/que me parece bem cuidada//quero ter certeza dos sentimentos/que ando tendo por sua pessoa?//será que é crise existencial/ou pura provocação cultural?/mas benza Deus, menino/ por ter esse imenso cabelo/que faz inveja muitos carecas."

DO EDITOR: *Muito agradecido, Clemilton.*

**João Marinoni:** Quanta perda de papel essa edição!

DA REDAÇÃO: *E de dinheiro, João! E de dinheiro!*

**Rafael Antunes:** melhor capa do ano entre os periódicos nacionais. só não digo do mundo, pois não acompanho a imprensa gringa.

**Solange Machado:** Ótimo!

**Ana Krüger:** Aí sim! Criem uma sessão de obituários "sensacionalista": Tomada Lula, Cunha, Professor Galdino, Rabanete. Acho que vai bombar!

**Lis Claudia:** Amei as dicas para o cabelo!

**Flavio Jacobsen:** Tem que falar com a piizada do boné que vende os pó lá na esquina. Terceirização lucrativa.

**Marcos Felipe Monteiro:** Esta logo da capa ficou incrível.

**Pedro Lemos:** Ansioso para descobrir essas dicas sobre os shoppings.

DA REDAÇÃO: *Tem shopping em Araucária, Pedro?*

**Walter Alfredo Voigt Bach:** 10 dicas para seu cabelo continuar uma bosta: QUERO

Kátia Brebatti: Há tempos não via o RelevO passando de mão em mão nos corredores da universidade.

### CURRICULUM

**Joseani Neto:** Eita, sô! Recebi os exemplares de maio e, de quebra, um trechinho do meu último e-mail! Maravilha!!! Brigadinha. Só uma pergunta: e-mail conta como publicação? Rsrtrs tô precisando melhorar meu curriculum.

### DÓLAR

Geraldo Cesar: Quanto é?

DA REDAÇÃO: *50 (de acordo com a orientação política).*

### PARANOIA DELIRANTE

**Giovanni Guerreiro:** Como faço para assinar? (não o meu nome, isso eu sei fazer, senão não estaria escrevendo este e-mail, se bem que alguém poderia estar escrevendo para mim, mas aí eu teria que confiar muito na pessoa porque não saberia se ela realmente escreveria o que eu estava dizendo e afinal, está no meu nome o e-mail, só que provavelmente eu sequer teria criado meu próprio e-mail, já que para isso dependeria de outra pessoa, o que nesse caso faria com que o obviamente o meu endereço fosse gordoescrotebabaca@gmail.com. Cara, eu seria muito paranoico se fosse analfabeto...) Enfim, como assino essa bagaça para poder ler em voz alta no elevador do meu prédio me achando super-esperto enquanto meus vizinhos me desprezam? Valeu aí.

DA REDAÇÃO: *Nóis no fluxo nervoso de consciência.*

## próxima edição

João Bosco & Vinicius  
Kiko, Leandro & Bruno  
Nugget Marrom  
Alho Poró

# Madame Hortense

MARCOS PAMPLONA

## 1. o cais

navios mercantes  
lançam cordas

em tuas ilhargas

sujos marujos  
atracam no teu ventre  
uma fome arrastada  
por vagas tremendas  
& em teus lábios  
boiam êxtases  
de afogado

## 2. o caos

no chorume

das docas abandonadas  
esse teu patético  
quebra-cabeça:  
canivetes ou batons  
cacos de promessas

ou bitucas de cigarros  
de helsinki ou macau  
& 77 fragmentos

do teu seio ou coração

# Silvio Demétrio

## Nada é sagrado, tudo pode ser dito

Espero estar à altura. Ser ombudsman não é uma tarefa fácil. Ainda mais com a velocidade que a tecnologia hoje imprime ao tempo vivido. Criei-me em meio a uma geração de fronteira que impunha a imagem de um universo no qual o jornalismo estava ligado organicamente à celulose. Difícil é desapegar-se do papel. É que quando se fala em jornalismo impresso fica como metáfora a ideia de uma marca que se deixa. Uma “impressão” que se causa. Tudo isso numa paisagem cujo protagonista é o leitor. O jornalismo como algo que assinala as subjetividades: quimera que só se materializa quando ele é monstruosamente literário. Daí esse reencontro com o mundo do jornal ainda impresso como resistência quando recebo o convite de Ben-Hur Demeneck para sucedê-lo como ombudsman aqui no **RelevO**. Invisto-me então dos poderes do machado viking que me foi passado.

Também não acredito nem no jornalismo e tampouco em qualquer literatura como *haute culture*. Daí o título que roubei de um livro de Raoul Vaneigen, figurinha carimbada do maio de 68 – “Nada é sagrado, tudo pode ser dito”. A reverência é a miséria da escravidão estética. Por pura coincidência e sincronidade conheci a publicação alguns dias antes do convite. Um aluno meu da UEL havia chegado de Curitiba e me passou o exemplar. Não discuto com sinais dos deuses do chumbo e da celulose. Por natureza, todo aquele que escreve é um ser obsessivo (não é meu esse insight não, tunguei do Ricardo Piglia, o melhor dos escritores

argentinos vivos). E não existe obsessão sem redundância e acaso. Porque redundância e acaso fecham a equação das coincidências – as flores do mal (conhecidas como oximoros) que povoam a “floresta de sinais” dessa zorra toda que fede a enxofre e poluição que se chama a vertigem de estar vivo. É tudo meio gratuito mesmo. As coisas vão acontecendo e quando você se dá conta aqueles discos que você ainda considera novos já completaram mais de vinte anos. Por mim esse mandato dura *ad nauseum*, ou seja, até que vocês se enjoem de mim. Vai ser uma longa e estranha viagem.

A primeira impressão que tive foi analógica. Tal como num disco de vinil, percorri o **RelevO** com olhos nos dedos, assim como numa agulha de um toca-discos se instalavam ouvidos. O inaudível atrito das pontas dos dedos sobre os sulcos da celulose do papel chegando ao oco que separa os ouvidos como caixa de ressonância. Quando amplificado esse som em imagens acústicas (valha-me São Saussure), o resultado me sabe ao bom e velho rock’n’roll. Não qualquer um, mas algo de cepa psicodesbundética. Uma longa jam session. Aquele santo graal que sempre se procura numa primeira página: “10 dicas para que seu cabelo continue uma bosta”. É isso. Nenhum outro jornal publicaria isso em sua capa hoje e sempre. Uma ruptura com a sentença bidimensional de Euclides para incorporar à página uma topografia, essa ciência do amor ao irregular. O legado de todo **RelevO** é a paisagem. O detalhe. A singularidade.

Manchete: a notícia morreu. Só

existem os acontecimentos. Sem hora e local definidos. Sem *a priori*. Tempo de irrupção. Erupção. Lava. Lava. Palavra. Porque um jornal também pode ser dionisiaco. Sugerir ao invés de nomear. Isso para não suprimir três quartos da pensão “O Prazer do Poema”. Porque o deus dos hebdomadários, diários, gazetas e pasquins também é Hermes, o deus mensageiro. Da aurora e do ocaso. O deus da curvatura do tempo que se fecha sobre si ao longo de um dia. A luz do sol é curva. Oblíqua. Porque um texto sempre esconde na exata medida que também revela. Acima de tudo deve restar algo informe, uma “parte maldita” de tudo o que se escreve. O implícito, sublime feitiço de toda enunciação. O que se quer dizer? Um sujeito indeterminado. Hecceidade. Subjetivação sem sujeito. Irrupção do desejo como acontecimento e disparo do sentido sob a superfície fantasmática da linguagem.

Alguém com uma arma apontada para o leitor na capa. A última edição do **RelevO** (maio 2016). Estamos todos com as mãos ao alto. Aliás, já parou o leitor para pensar o quão é polida essa forma de interpelação dos assaltos que se cometem em língua portuguesa? “Mãos ao alto”. O que cansa no jornalismo convencional é que ele é potável. Falta ruído. Distorção. Faltam entranhas. É o império da rotina. Contra isso tudo só pode vencer a invenção. Sub-versão dos fatos pela maneira do dizer.

Em verdade, não é viking. Meu machado é de Assis. Assim como São Francisco, despir-se de tudo o que é desnecessário. A mais preciosa das proposições de Italo Calvino,

a leveza. Porque o mais difícil de se alcançar com a palavra é a simplicidade. Uma virtude estoica. Não o pouco. O raso. O apenas. Mas sim a potência do silêncio como luz que revela um mundo em cada palavra cavada na página.

É assim que agradeço pela chance de colaborar com esse grande barato que é o **RelevO**. Espaço para ecos que vêm de uma multiplicidade de outras grandes festas: nosso saudoso *Nicolau*, assim como o *Joaquim*; *Grimpa* e *Revista Coyote*; *Revista Medusa*; a *Musa Paradisiaca*; isso para ficar no quintal de casa. Por cima do muro dá para ver o eco dos ecos de outros tempos: o jornal *O Beijo*, *Bondinho*, e o *Flor do Mal* (do mestre Luiz Carlos Maciel), e por que não, até o *San Francisco Oracle*, o supremo jornal psicodélico de todos os tempos, editado por Allen Cohen.

Tal qual César às margens do Rubicon, “*alea jacta est*”. O que também pode ser entendido como “se segura malandro, pra fazer a cabeça tem hora”. Chegou a hora e a vez do **RelevO** crescer. Para o alto e para baixo. Ao redor e dentro da cachola de qualquer um que se permita embaralhar com suas páginas. Como dizia Torquato Neto, “o barato é ocupar o espaço e depois poetar conforme for”. Que seja então. Ainda. (sempre quis terminar um texto com parênteses, assim, explicando um final em fermata, em suspenção, para deixar no ar alguma promessa que só conto qual é na próxima edição – e eu só poderia hifenizar dentro de parênteses aqui, porque qualquer outro editor já teria me escorraçado – é por essas e outras que o **RelevO** é singular).

# Monstera

DESIGN DE SUPERFÍCIE

CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE ESTAMPAS EXCLUSIVAS PARA ÁREAS DE MODA,  
DESIGN DE INTERIORES, DECORAÇÃO, PAPELARIA E UNIFORMES.

 /monstera\_atelier

 /monsteraatelier

 monsteraatelier@gmail.com

 8832-8808 | 9533-7573

[www.monsteraatelier.com.br](http://www.monsteraatelier.com.br)

Edifício e Galeria Tijucas | Rua Luiz Xavier, 68 - Centro | Curitiba - PR



APRESENTAÇÃO ARLINDO MAGRÃO  
E-PARANÁ AM 630 | DOMINGO - 13H



AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532  
ARAUCÁRIA PR | (41) 3643-4881



(41) 3031-2357 (41) 9663-7557



Luiz Otávio Prendin Costa



LIVROS | VINIS

## JOAQUIM LIVRARIA & SEBO

RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR

JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM

FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

Fábio Tokumoto/Carol Zanelatto

(41) 3552-5895 (41) 3552-1542



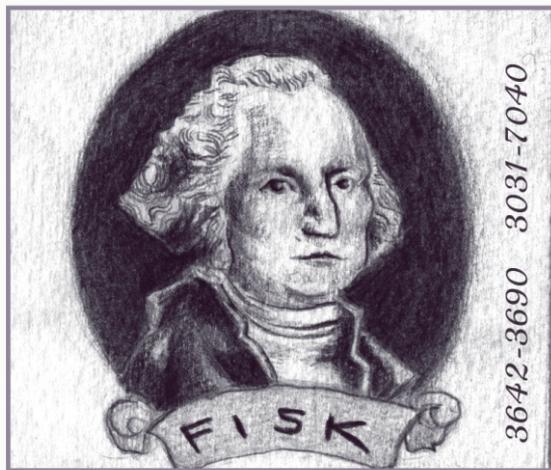
CONTATO@KOTTER.COM.BR (41) 3585-5161



PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO ARAUCÁRIA-PR

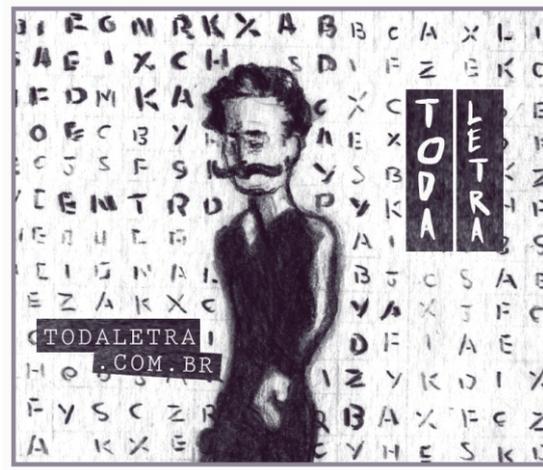


Luiz Otávio Prendin Costa

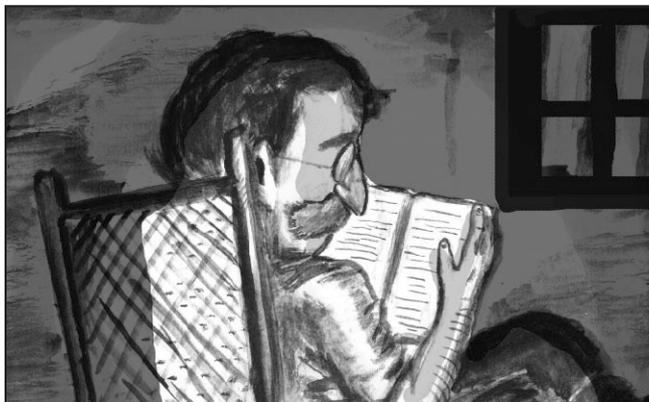


3642-3690 3031-7040

R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR



Alan Amorim



A editora completa 3 anos de atividades, contando com mais de 230 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).



Conheça nosso trabalho, acessando [www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br) e [facebook.com/penaluxpenalux](https://facebook.com/penaluxpenalux).

Para envio de originais: [originais@editorapenalux.com.br](mailto:originais@editorapenalux.com.br)

EM JULHO

COLEÇÃO GRALHAS RARAS

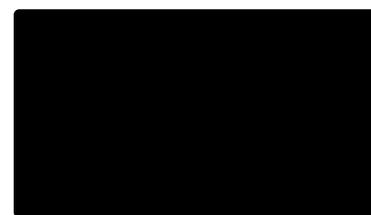
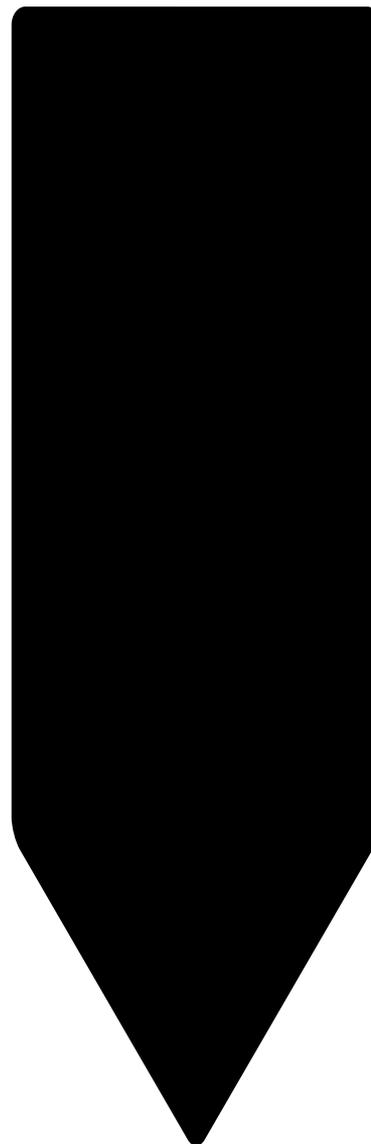
ARMA

ADRIANO SCANDOLARA  
PARSONA

GUILHERME GONTIJO  
FLORES  
L'AZUR BLASÉ

MARCOS PAMPLONA  
TRANSVERSOS

RODRIGO MADEIRA  
LATIM DAS MOSCAS



**KOTTER**  
EDITORIAL

EDRA MORAES

# não sou musa, sou poeta

Musas são diáfanas, acariciam como a seda,  
Leves como uma pena ao vento

Eu carrego em mim o peso de um bloco de mármore,  
e rasgo a carne como o ferro

Musas caminham nas pontas dos dedos,  
Admiram Sade, Foucault e Loyola

Eu caminho coxa arrastando este fantasma,  
Todos eles me estudaram e nunca me entenderam

Musas têm bundas, seios e sorrisos fáceis  
Eu não tenho corpo, sou bela como um vulcão

Musas caminham de mãos dadas ao teu lado  
E despertam a inveja dos teus amigos

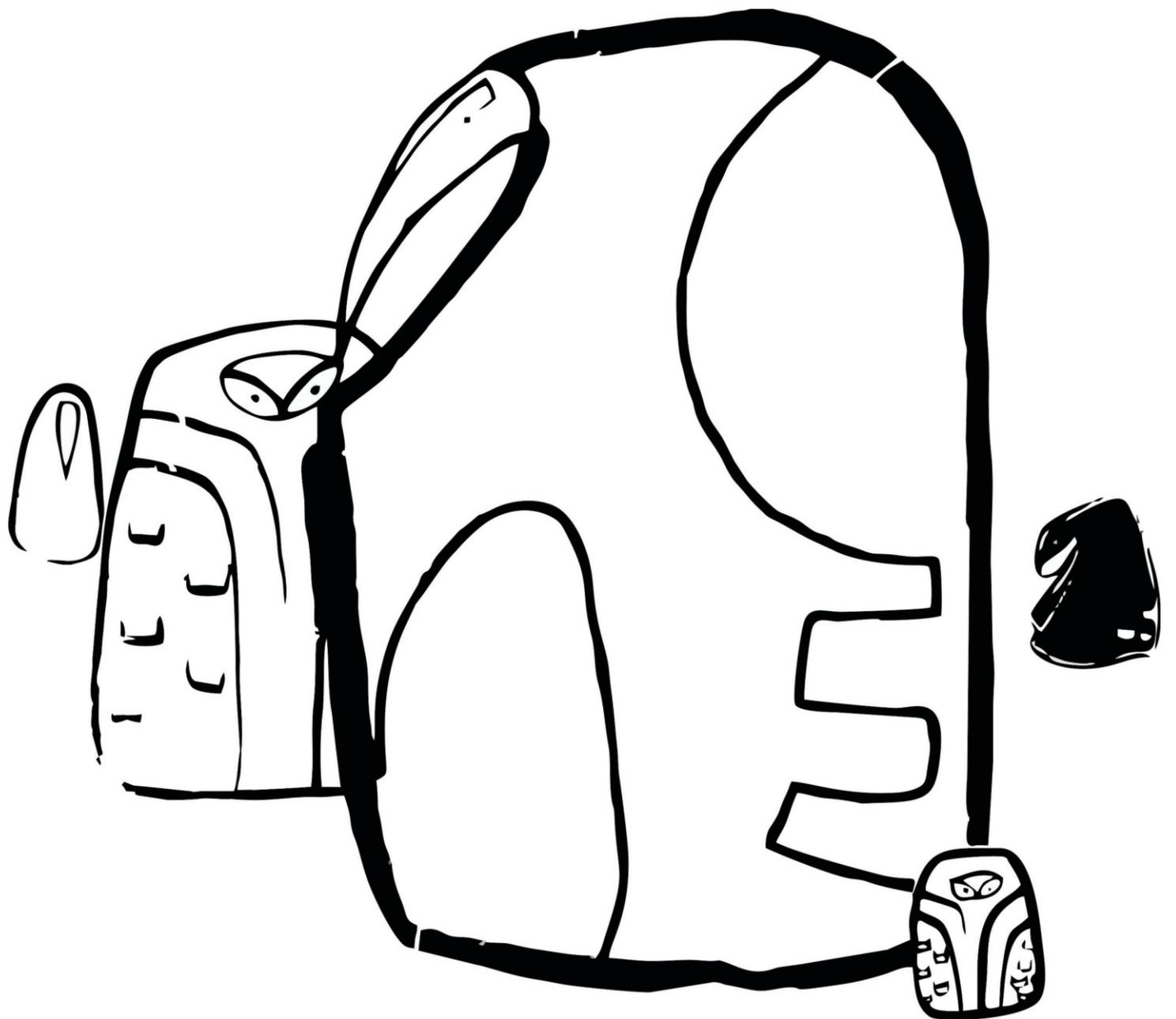
Eu caminho sozinha, mesmo na multidão  
E uso minhas mãos para tirar as pedras do caminho

Musas estudam arte, cinema, música e poema  
Eu vomito palavras, erro os acentos e troco pronomes

Musas nasceram para serem amadas  
e eu, poeta que sou, nasci para amar  
Amar a ti, aos pássaros e o cão morto na esquina

## KATIA HORN

Deus habita todas as suas criaturas  
e a barata me repugna.  
Posso amar Deus na nojenta barata?  
Atiro inseticida no habitat de Deus.  
Ele sofre essa dor?  
Não matarás, grita-me Deus de dentro da sua casca,  
enquanto a barata se debate.  
Deus não morre, mas como barata já não caminha entre minhas panelas.



MARCELO DE ANGELIS

# cosmoAgonia

física tântrica, urbequidade,  
música quântica

o elétron (como os seres humanos)  
quando deixa seu entorno  
relata seu próprio vazio

cifra cósmica, raiz mnemônica  
ruído santificado, letra e lógica  
superhiper etermorfose  
o corpo observado  
inapreensível  
seduz o olhar  
e deduz o observador

dizer tanto é dizer nada  
catapultar sílabas de silêncio  
perder-se na estrada  
esse filete de sangue  
que vem do útero do tempo  
é o fio da meada



# RelevO Jardinagem

Para um outono mais frolido, o **RelevO** Jardinagem traz as melhores formas de plantar as flores da estação (e de outras também), aproveitando as condições coetâneas ou consentâneas ou o que lhe agradar, tanto na casa quanto no lar.

## Begônias

Ó, Begônias

De traços delicados

E tamanho pequeno características de flores

Com bom fluxo de vendas em floriculturas

Lojas de jardinagem, bancas de flores e

Outros pontos de comércio de plantas.

Em parapeitos

Cachepôs em cima de escrivaninhas

De mesas de escritório ou centro de mesas em residências

Ou ainda como arranjos em jardineiras

Decorando salas e varandas

Elas colorem e deixam o ambiente mais agradável.

Belíssimas



## Sálvia

sálvia. *salvia officinalis*. um nome. infinita. salva ou salva-das-boticas. desde a antiguidade. para fins medicinais. faz. tempero e chá. sálvia. sálvia. é uma planta. uma planta. é uma sálvia. clima subtropical. assaz. para seu cultivo temperaturas entre 3°C e 29°C. embora. cresça melhor. em temperatura amena. sálvia. Corinthians. não tem comida. geladeira. luminosidade. a sálvia precisa de luz. solar. direta ao menos por algumas horas diariamente.

## Trepadeira

Minha ex-namorada

Amor no chão e na cama

Seu nome, Liana

Queria que fosse a Rihanna

## Dente-de-leão

Com o Sport Eternamente estarei

Pois rubro-negras são

As cores que abracei

E o abraço, de tão forte,

Não tem separação

Pra mim, o meu Sport é religião

A vida a gente vive

Pra vencer Sport, Sport

Uma razão para viver

## Orquídea

### Passo a passo para *dummies*

1. Saiba como parece uma orquídea
2. Vá até um orquidário municipal
3. Troque uma sobrinha por uma orquídea
4. Retire a orquídea do vaso. Se possível, componha um rap militante no ônibus enquanto acaricia tal vaso de modo explicitamente erótico. Certifique-se de que há pessoas vendo
5. Lave as raízes. Faça isso com cuidado, em água corrente, sob uma torneira. Passe os dedos nelas, enquanto todos ouvem Roberto Carlos, retirando-se as raízes mortas e fragmentos restantes. Mantenha as raízes saudáveis intactas, o que corresponde a dormir com as raízes no cu. Ouvindo Roberto Carlos
6. Adicione material de drenagem (opcional). Coloque uma camada de brita, argila expandida ou mesmo isopor com cerveja
7. Coloque o substrato. Deixe um pouco para completar depois da colocação da muda. Molhe-o bem no fim do processo, com esperma
8. Acomode a muda. Acomode a planta em um dos cantos do vaso. Mantenha a brotação nova (base do maior pseudobulbo) voltada ao centro do vaso, para dar espaço ao seu desenvolvimento, conforme as especificações do MEC para redações do Enem
9. Adube (opcional). Coloque uma pequena quantidade de adubo orgânico ou mistura na lata de nescau da antiga sobrinha. Compre uma pessoa pela deep web
10. Mate uma pessoa

Coletivo Eu me como, Antonio

SEM TÍTULO

Ou para a flor da  
minha vida

MARGARIDA

VIDA

AMARGA VIDA

A VIDA VIÚVA

MARGARIDAAMARGA

AVISTAMARGARIR

RIR

MARGARIDANTES

ANTESDAVIDA

A MORTE

A MORTE É MORTE

MARGARIDADE

PIOR É MORRER EM VIDA

# Os mestres das palavras proibidas e secretas

EDILSON PEREIRA

A primeira vez em que ele ouviu a palavra buceta foi pronunciada por tio Epaminondas. O tio estava sentado numa cadeira na cozinha e fez uma expressão concupiscente, como se o espírito dele fosse possuído pela serpente que seduziu Eva no paraíso. O garoto percebeu pela cara demoníaca do tio que havia na palavra algo proibido. A velha veio do quintal, ouviu e ralhou severa:

“Para de falar bobagens para o menino!”

Tio Epaminondas não se deu por vencido:

“Mais cedo ou mais tarde ele vai conhecer, mamãe. É questão de tempo.”

A velha insistiu:

“Tudo tem hora certa. Deixe o menino.”

Os amigos mais velhos ensinaram na rua, nos fins de tarde daqueles anos infantis, como alguém passa adiante conhecimento necessário e secreto, que buceta nada mais era que a periquita. A periquita, quando a menina crescia, ganhava pelos e passava a ter outro nome, que não podia ser dito sem provocar reações imprevisíveis. Tio Epaminondas e os amigos na rua foram os mestres das palavras proibidas e secretas.

A vantagem do tio em relação aos amigos era que ele foi trabalhar em São Paulo e, toda vez que retornava à cidade para ver a mãe e levantar algum dinheiro com os irmãos, vinha com nova safra de palavras novas, nem sempre proibidas, mas secretas. Eram as gírias, embora elas, em muitos casos, estivessem relacionadas com a primeira que aprendeu:

“Você já chamou alguma amiguinha na catraca?”

O garoto ficava boquiaberto. Ele nunca ouvira a palavra catraca e, pelo gesto que o tio fez com os punhos cerrados e pela fúria que a velha ficou, deduziu que era uma coisa obscena.

“Namoro é de araque. O que interessa é a catraca, porra!”

O tio usava a palavra porra ao fim de todas exclamações. Foram os amigos na rua que explicaram que o pinto jorrava dois líquidos, um era o mijo e o outro era a porra. No entanto, este aprendizado não produzia sempre admiração. Às vezes, havia mágoa e indignação. Ele aprendeu que as mulheres faziam sexo. Mas, de início, achou que era algo pecaminoso e associado a mulheres da vida. As putas.

“Por isso que os homens querem ir na zona, bobo. Para pegar as putas.”

A revelação era fascinante. Chocante foi o dia em que descobriu que sua mãe também fez sexo. Ele quis brigar, mas um amigo disse, didático, que a mãe dele ainda fazia com o pai dele: “E se não fizesse, eu não tinha nascido! E você saiu lá por baixo.”

A mãe do garoto já tinha morrido. No entanto, descobrir que ela fez sexo para ele nascer, ainda que fosse por uma boa causa, o deixou magoado. À noite tentava entender:

“Mas até a minha mãe?”

E no dia seguinte novas perguntas e novas respostas surgiam:

“Então todas as meninas que a gente conhece vão fazer sexo?”

Os garotos mais velhos e sábios debochavam:

“Só as que arrumarem maridos. As que ficarem pra titia vão ter que chupar o dedo.”

E foi na rua que ele soube que sexo era uma coisa gostosa, secreta, que se fazia na surdina no casamento ou em gandaias na zona. A vantagem de fazer na zona era que pagava e

ia embora. A desvantagem era que o sujeito podia pegar um monte de doenças e até perder o pinto. Sempre tinha alguém com uma história escabrosa:

“Um amigo de meu irmão foi na zona e pegou gonorreia. Ele escondeu do pai dele e não tratou. Quando foi no médico era tarde. O médico mandou ele tirar a roupa e subir numa cadeira. Ele subiu. O médico mandou ele pular no chão. Ele pulou e o pinto caiu no chão. Estava podre.”

Revelações como essas eram mais pavorosas que filmes de terror. Todo o fascínio que a zona despertava em tio Epaminondas e que ele tentava incutir no garoto, os amigos da rua conseguiam fazer desaparecer com duas ou três histórias. As palavras proibidas e secretas foram usadas de todas as formas, mas as mulheres da zona ele olhava de longe, com fascínio, como fossem medeias e medusas que hipnotizavam os homens, enchiam-nos de prazer, mas podiam também levar os seus espíritos quando não decapitavam os seus pintos com as suas doenças que só apareciam quando elas iam para a cama com eles.

ANA MORAES

# Coletivo de cabras

Vi um fato  
No alto sóbrio da montanha  
Onde a relva opaca  
Degolava-se entre os dentes  
De suas bocas peludas  
48 patas estupravam  
A suave tenra almofada  
Chamada pasto.  
Vi nuvens abruptas  
Rasgando o céu virgem da manhã  
Filhotes soletravam no ar  
Com saltos selvagens  
A água era um gozo vaginal  
Sobre meu rosto.  
E tudo era puro e rústico  
Lembrando a marca  
Que encaixa meus pés  
Um ao outro  
Me fazendo recordar  
Como eu dormia  
Dentro do útero de Deus  
Olhando o fato.

OTTO LEOPOLDO WINCK

# Corpo santo

Exausto das lides do amor,  
lavo teus olhos  
em que ficaram impressas  
as imagens do dilúvio que nos afogou  
e cujas pestanas se fecharam sobre o meu corpo torturado.  
Escaldo teus pés  
que conheceram as errâncias dos caminhos mais adversos  
e calcaram a cabeça da serpente numa tarde de maio.  
Banho o teu dorso  
dócil às minhas mãos maduras  
e acostumado aos trabalhos nas galés.  
Com a água da primeira chuva do outono,  
enxáguo teus lábios  
que proferiram blasfêmias de inigualável encanto.  
E finalmente banho o teu púbis,  
escuro como a noite primeira,  
e, dentro dele,  
o fabuloso sol  
que me incendiou.

# Os relógios não ritmam ao coração

MARIA CAROLINA DE BONIS

Nas formas que as pupilas circulam a claridade  
Um sinal aéreo renasce além  
Acima feito matéria tangível  
A alcançar com as mãos de dentro  
As engrenagens puxam o cordão do relógio,  
Como se metade do tempo soubesse  
O mundo vem a mim palpável.

É quando a história marca a humanidade  
Enquanto me preparo para a fuga de Bach  
Ou ao silêncio das ostras.

Metade do mundo fala,  
Mas é a outra metade quem me socorre  
Do corte à cicatriz.

O que digo vira fumaça, digo a se esvair  
Porque essa ponte escorregadia e as areias  
Assentem o princípio da vida  
Das criaturas minúsculas, debaixo da terra  
A ampulheta estaciona nesse eterno cismar.

Entende que partir é uma arte  
E sobra a solidão rebrilhando nesses cântaros  
A solidão coagula sóis. Selvagens fazem voltas.

Largo as mãos a ensaiar fantoches  
Largo as amostras do mundo  
Abro as palavras e retiro as seivas  
Do outro lado onde só o coração diz.  
Os relógios não ritmam ao coração,  
Não pulsam o corpo  
Feito cavalo alado campo aberto, sem fim.

# Filologia, Literatura e Linguística e os Debates Historiográficos sobre a Antiguidade Clássica

PEDRO PAULO FUNARI

Parte 1.

A amplidão do tema “debates historiográficos sobre a Antiguidade Clássica e as ciências humanas: Filologia, Literatura e Linguística” desaconselharia um exercício de estudo exaustivo, objeto não de um ensaio, mas, ao menos, de um livro. Caberia, portanto, tratar de algumas questões metodológicas centrais e de alguns casos, tanto paradigmáticos como de caráter didático, a começar da própria ligação umbilical, *ab origine*, entre a História e a Filologia clássica e não me refiro, aqui, apenas àquela referente à Antiguidade Clássica, mas à História *tout court*. De início, a própria História surge como um gênero literário no seio da narrativa literária grega, a começar de Hecateu de Mileto e sua “historicização do mito” (Meister, 1990: 23) e, de maneira mais clara e ordenada, com Heródoto

(Nesselrath, 1996). Tucídides estabelece uma continuidade entre o que chamaríamos de “período mítico” e aquele histórico, e não é casual que um estudo abrangente sobre o autor da “Guerra do Peloponeso” intitula-se, precisamente, *zu Thukydides’ historischer Erzählung*, “sobre a narrativa histórica de Tucídides”, pois é de um gênero literário que se trata, um estilo narrativo (Schwinge, 1996). Deste estilo narrativo faziam parte os discursos, os retratos, a retórica (Fox, 1993), e os historiadores antigos literatos antes que cientistas (Woodman, 1983: 120), a História era concebida como *opus oratorium* (Marchal, 1987: 42).

Este é o sentido primevo do liame entre a História e a Filologia, enquanto gênero literário antigo. No entanto, a História que todos nós, historiadores *lato sensu*, praticamos, deriva, diretamente, da moderna

reorganização do saber acadêmico, fenômeno resultante da Ilustração e da instauração das “ciências”, ramos do conhecimento, sentido preciso de *Wissenschaften*. De fato, *strictore sensu*, nossa disciplina não foi instaurada senão com Niebuhr e von Ranke (pace Lozano, 1987: 79), em particular com a invenção da noção de documento a ser analisado, muito a propósito, *more philologico*, “à maneira da Filologia”, nascente disciplina que viria a fundar, em verdade, todas as Ciências Humanas. Von Ranke (1826), em seu clássico *Geschichte der romanischen und germanischen Völker*, “Histórias dos povos românicos e germânicos”, viria a formular a frase fundadora da disciplina: *Er will bloss zeigen wie es eigentlich gewesen*, “ele <scilicet, o historiador> quer claramente mostrar como, na realidade, aconteceu”. Para tanto, fazia-se necessário conhecer o documento, o texto escrito, a língua, o

estilo narrativo; tratava-se, pois, de ser antes filólogo para, em seguida, poder tornar-se historiador (*Historiker*) (cf. Funari, 1995: 14-36). O próprio estudo da História foi chamada de *Philologie*, um tipo de *Bildung* “educação” (Niebuhr, 1828-1831).

A primeira História a surgir, no sentido moderno do termo, foi, desta forma, a História Antiga, cuja assimilação à Filologia levou a que se intitulasse “estudo do mundo clássico”, *Altertumskunde*, *Altertumswissenschaft*, *Classics*, *études classiques*, *studi classici*. História antiga que surge indissociável da Filologia clássica, da qual continuaria a fazer parte (Bernal, 1991 *passim*), à diferença de outros ramos da História, cuja ligação com a Filologia pode ser muito tibia, senão inexistente. Em certo sentido, nunca delas se distanciou, como lembra V. Bejarano (1975: 60): *en realidad, nunca los filólogos dejan de ser historiadores y muchos grandes historiadores han sido al mismo tiempo excelentes filólogos, como Th. Mommsen, E. Pais, M. Rostovtzeff, J. Carcopino, Piganiol, R. Syme*. É ainda verdade, portanto, que não há História antiga sem estudo do latim e do grego. Toda a moderna historiografia do mundo antigo está a demonstrar os elos entre o estudo da História antiga e o campo da Filologia, *lato sensu*. Qualquer estudo sobre a Antiguidade Clássica, e não apenas por parte de historiadores, como de outros estudiosos do mundo antigo, como arqueólogos e historiadores da arte, parte de uma análise prévia, de uma ou de outra forma filológica, do

vocabulário antigo. Assim, as grandes sínteses, como todo o conjunto de obras de Vernant ou Finley, para citar dois estudiosos cuja ressonância ultrapassa em muito os confins da historiografia antiga, constroem-se a partir de estudos de vocabulário e do contexto de utilização de termos gregos e latinos. Assim, “trabalho e natureza na Grécia antiga” (Vernant, 1988: 259-277), ainda que publicado, originalmente, no *Journal de Psychologie*, constitui obra mestra da hermenêutica histórica, fundada, passo a passo, no estudo dos termos gregos: *pónos*, *pedíon nómos*, *tékhne*, *andreía*, *akhreía*, *thyraulein kai ponein... et j'en passe!* Finley (1983), autor de trabalhos clássicos não somente para os estudiosos do mundo antigo, estando entre os mais citados por aqueles que estudam a escravidão moderna, também apresenta uma análise, antes de mais nada, filológica da escravidão: *doulos*, *seruus*, *pelatai*, *laoi*, *clientes*, *coloni*, *dominus*, *erus*, *peculium*, *hektemoroi*...

Cabe, portanto, ao historiador da antiguidade conhecer o sentido original dos conceitos antigos (Momigliano, 1984: 484) e pode dizer-se que isto tem sido feito *un pò da per tutto* (cf. a hermenêutica de Koselleck, 1979). Assim, podem se estabelecer as bases para o estudo de espaços, como os anfiteatros, no trocadilho de Robert Etienne (1965), *la naissance de l'amphithéâtre: le mot et la chose: de spectacula a amphitheatrum*, passando por *théatron kynetikón*; ou das *uillae*, com suas *membra rustica, urbana ornamenta, partes urbanae, rusticae,*

*fructuariae* (Purcell, 1996); ou das casas: *domus, taberna, cenaculum, aedes, pergula*, às vezes colocas para alugar (*locantur*) (Pirson, 1997). Categorias de artefatos também precisam ser estudados, como é o caso dos vasos de cerâmica (Funari, 1987) ou dos instrumentos agrícolas (Guarinello, 1987). Conceitos capitais, como o de *humanitas*, também têm sido analisados (Veyne, 1989; Funari, 1996), bem como instituições essenciais e específicas, como *annona, frumentatio, uectigal, praefectus castrorum, primus pilus, signifer, optio, beneficiarius etc* (Remesal, 1997). Todas estes trabalhos não se constituem, apenas, em estudos de termos, mas tratam da História econômica, social, política e cultural do mundo antigo, sendo a análise do vocabulário o ponto de partida antes que a meta (cf. Whittaker, 1996: 17 sobre o estudo de Remesal sobre a *annona*). Um caso paradigmático talvez seja o estudo de Alfons Bürge (1990) sobre o *mercennarius*, categoria de trabalhador assalariado... no entanto, *die Arbeit der mercennarius typische Skavenarbeit ist* (“o trabalho do mercennarius é tipicamente trabalho de escravo”). As consequências desta ambiguidade, o assalariamento de escravos, não poderiam ser maiores para a compreensão da própria estrutura social do mundo antigo. Muitos outros exemplos poderiam ser citados, como o caso da controversa questão das diferenças, ou não, entre os juízos (Bolonyai, 1993) e culturas da elite e do povo (Funari, 1991; Horsfall, 1996).

**Originalmente publicado em Os debates historiográficos sobre a Antiguidade Clássica e as ciências humanas: Filologia, Literatura e Linguística, Anuari de Filologia, Studia Graeca et Latina, 20, D, 8, 29-38 (1999).**

Divulgação



# O cronista Rodolfo Branco

DA REDAÇÃO

Aos 24 anos, o parnanguara Rodolfo Branco Pereira quer mesmo é descompactar. “Não me interessa o sucesso raso. Se eu conseguir me sustentar de música e realizar um trabalho que tenha autenticidade, saia da mesmice, das referências de sempre, atingirei a frequência que busco”, afirma.

A carreira do músico começou cedo, na pré-adolescência, tocando sambas de Cartola e Noel Rosa no cavaquinho do coreto. “Fugia das rodas de pagode, ouvia Fela Kuti, umas coisas diferentes. Por conta dessas influências, até hoje não consigo definir o gênero musical que me situo”, alega.

Admirador do trabalho iconoclasta de Tom Zé e do músico paulista Rafael Castro, alega que demorou pra começar a escrever e compor no violão. “Todo compositor brasileiro é um complexado”. As músicas de

Branco versam sobre suas leituras, crônicas de bar, a relação entre amigos e amores, observações de ambientes. “As composições saem de acordo com o meu estágio emocional”.

Tocando desde o começo de 2015 no Bardo Tatára, Branco segue, como tantos artistas que trabalham com música autoral, à procura de rotas que não corrompam o ideário produtivo e gere independência financeira. “Estou procurando um novo caminho. Quero encontrar uma frequência própria, largar o design, viver da minha música”.

Atualmente, Branco está desenvolvendo um projeto para gravar um disco com os músicos do Tatára, com previsão de prensa para o fim de 2016. “Não quero mesmo me compactar. Quero produzir meus trabalhos, ter domínio dos processos de produção”.

Emulando uma frase do músico curitibano Beto Barbosa, de que produzir música é retirar da vida, em “Nada que outra pessoa possa fazer”, Branco remete a *Alabardas alabardas espingardas espingardas*, espécie de libelo contra a violência.

“O último do Saramago foi o primeiro / [...] Por que não há greve nas fábricas de guerra?”



## Guma e a clandestinidade

DA REDAÇÃO

Francisco Araújo, o Guma, não é um sujeito muito usual. Músico desde a infância, não tem, em tempos tecnológicos, perfil em redes sociais, conta no SoundCloud, apreço por registro fonográfico, sequer celular e computador.

Pisou em Curitiba pela primeira vez em 25 de março de 2015. “Cheguei na rodoviária pra descobrir qual era a da cidade. Procurei um hotel barato e fiquei”. Por que Curitiba? “Parece-me que a cama está arrumada e ninguém deita”, diz o mineiro de Paraguaçu, referindo-se diretamente ao cenário cultural de São Paulo e Rio de Janeiro, segundo ele, em regime de estafa para novos músicos.

Guma classifica sua música como

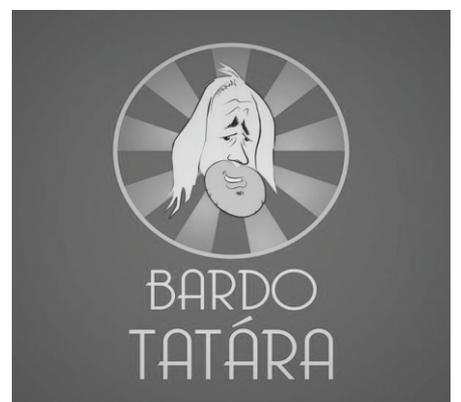
personalista, marcada por suas influências do heavy metal, principalmente Sepultura, “os caras saíram do nada e se tornaram o que se tornaram”, e um retrato de cenas do cotidiano. São canções interpretadas também em inglês e espanhol.

Retraído, Guma está deliberadamente em busca de novos caminhos. “Nada do que vejo sendo feito em matéria de percurso musical me agrada. Todos parecem procurar o mesmo caminho, as mesmas soluções. Por pensar assim, sempre me acho o último colocado”, alega.

Em músicas como “Clandestino”, apresentada com regularidade na Segunda Autoral do Bardo Tatára, Guma denota o seu caráter um tanto

fechado. “Me sinto quebrando pedra em Curitiba, mas vejo, aos poucos, uma certa microexpansão do meu trabalho. Os retornos têm sido positivos”.

De algum modo, o trabalho de Guma espelha a região de desconforto que prega e representa: “Um carro popular/ Moto 125/ Colégio Particular/ As roupas mais bonitas / A namorada de um amigo/ Arte cura artistas”. É isso.



# O mal da crônica

JONATAN SILVA

Anos atrás era mais que comum alguém dizer: escrevo uns poeminhas para passar o tempo. E jorravam no nosso colo pilhas e pilhas de poemas terríveis, sem o mínimo de estilo ou qualidade literária. No final do Orkut – que o Google o tenha – havia comunidades inteiras dedicadas a essa prática. Pois bem, passam-se os anos e cá estamos nós com cronistas a dar com o pé.

Basta abrir o Facebook e lá vem texto. Todo mundo opina o tempo todo. A lógica que antes valia para o futebol de que todos eram técnicos passou a valer para a política, a botânica, os direitos humanos, o cultivo de orquídeas e o que mais estiver ao alcance da teoria hipodérmica. No final, são crônicas e mais crônicas sobre qualquer assunto – e, claro, o mais clássico de todos: a crônica sobre a falta de assunto.

Todas as vezes em que leio um

texto sobre a falta de inspiração para escrever, imagino que aquele pobre-diabo deve pensar ser o novo Fellini. E, geralmente (para não dizer: nunca), não é. E a crônica acaba banalizada, deturpada... perdida no ciberespaço de Pierre Lévy. O que nos diria Rubem Braga? Pouco importa, na realidade. A crônica se transformou no calcanhar de Aquiles de toda uma geração que, sem ter o que dizer, conta e reconta sobre os dilemas da internet, sobre o amor na era digital e sobre a impotência diante da necessidade de curar – ou aliviar – toda essa frustração. Se esse cenário fosse na década de 1990, todos estariam vagando por shoppings em busca do sonho perdido.

A crônica deixou de ser uma análise fria e crua da realidade, se transformou em um desabafo pós-moderno. Nunca se leu tanto, dizem. Nunca se frequentou tanto as livrarias.

Nunca se pirateou tanto livro quanto agora. E nunca se escreveu tanto texto sem ter o que dizer, sem argumentos. O argumento é o simples não gostar, discordar. Não que se deva seguir algum academicismo, jamais. Mas será mesmo que precisamos transformar as redes sociais em muros de lamentação?

A reflexão pessoal deixou de ser individual e ganhou grupos – literalmente. Em qualquer site que se abra há uma seção de crônica. Mais ano menos ano, a crônica vai ganhar uma editoria só dela, mas não porque se tornou melhor, mais fundamentada. Ao contrário, ela se tornou mais superficial, menos engajada. Daqui a pouco a crônica vai ultrapassar os acessos do horóscopo. No final das contas, esse texto, que não passa de uma lamentação, também não precisava existir. Mas existe e que sirva para algo.

# O kamikaze do espanto

Ademir Demarchi

Quem lê jornal ou revista no Paraná já tropeçou inúmeras vezes com o traço marcante do Solda. Ele é conhecido e encontrável na internet com a designação cartunista, mas isso é pouco. Começa que tem um blog denominado Soda Cáustico. Por aí já se percebe a tinta do seu senso de humor, irônico, com predileção pelo branco e preto dos desenhos clássicos, que abandona apenas nas peças de propaganda genialmente concebidas. Talvez por isso sua poesia – sim, ele é poeta –, seja engolida um tanto por causa do frasismo típico das sacadas da propaganda. Apesar disso, ou por causa disso, ele tem textos como “minha poesia/ladra/ e a realidade/ passa”. E esse é ótimo para lembrar que em 2010 ele foi demitido do jornal O Estado do Paraná por ter publicado uma charge com um macaquinho dando banana (com o braço, evidenciando negativa, é bom que se diga) porque ela se referia a Obama. Você deve saber que Curitiba é uma terra de gente mal-humorada, apesar de muitos engraçadinhos que vicejam lá, como o Solda. Esses mal-humorados, soldados de primeira hora do politicamente correto, logo ladraram para o Solda sair do jornal, acusando-o de racismo. E isso justamente quando ele pegava um inocente macaquinho tropical para simbolizar as bananas negativas que costumeiramente os norte-americanos dão a quem ousa reivindicar algo deles, como ocorreria num almoço com a presidenta. A essa palavra, Solda respondeu que, se valesse, ele queria passar a ser chamado de cartunista. Assim, com aquele cartum ele só cumpria sua sina: “um poeta sentado/ é um poeta/ em pé de guerra”. Que não perde a piada: “torta minha caneta/ o soneto me saiu/ meio emiliano pernetá”. Talvez por isso outro exímio gozador de plantão, o “Turco” Jamil Snege, apresentou Solda num texto

dizendo que o conheceu em 1622 numa pequena aldeia da Normandia, quando então se chamava Geneviève e era uma encantadora moçoila de 18 anos que logo seria queimada na fogueira, acusada de bruxaria... Mas quando não está fazendo graça, Solda se sai com coisas assim: “a vida passa assim:/ na metade/ já estamos no fim”. Ou: “a vida?/ já vi esse filme/ afinal/ eu sempre morro/ no final”. Sem desgostar dessa poesia trocadilhesca, porém, do que mais gosto é seu lirismo encontrável num poema como “um dia”, com o qual o deixo: “um dia desses eu vou me misturar/ ao povo que está nas ruas/ e finalmente vou descobrir pra onde/ todo mundo vai/ para onde vão as velhinhas com/ pacotes debaixo do braço?/ para onde vão as senhoras gordas/ de cabelo encaracolado?/ pra que lado?/ vou descobrir para onde vai a menina/ com o uniforme colegial/ para onde vai o senhor grisalho/ com as mãos no bolso/ para onde foi o negro elegante/ que estava aqui há pouco/ para onde foi o menino de boné vermelho/ para onde foi o vendedor de bilhetes/ que sempre está gritando/ vaca galo cabra burro borboleta/ um dia desses eu descobro pra onde/ vai a gorda que acabou de entrar num táxi/ dia desses eu descobro para/ onde foi aquele tocador de gaita de boca/ e aquela limpadora de rua/ e aquela moça do estar/ e aquele sorveteiro e aquela loira/ com um disco do chet Baker/ e aquele cara parecido com o rodrigão/ e aquele senhor de guarda-chuva e aquela/ moça chupando sorvete e aquele/ gordo desesperado e aquele médico/ que escorregou na calçada e aquele/ guarda que estava na esquina/ e as três meninas que olhavam/ a vitrina da sapataria e a velhinha/ de sombrinha verde/ que tentava atravessar a rua/ dia desses eu descobro/ pra onde é que vão todas essas pessoas/ que atravessam a rua/ sem olhar para os lados”.

# Esteves sem metafísica no país dos Silvas

Daniel Osiecki

Em 1928, Álvaro de Campos, o revolucionário heterônimo de Fernando Pessoa, publicou a obra-prima “Tabacaria”. O poema é indigesto e narra pequenos flashes do cotidiano que se tornam momentos de epifania do sujeito comum. Esteves, que entra na Tabacaria (“Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?) / E a realidade plausível cai de repente em cima de mim...”) simboliza o indivíduo sem perspectiva em uma época sombria (entre as duas grandes guerras) que não busca nada além de viver seu cotidiano sem participar do presente e sem intenções de arquitetar algo maior para o futuro (“Depois deito-me para trás na cadeira/e continuo fumando./Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando”).

É sob essa atmosfera de vidas desperdiçadas e atitudes sem sentido algum que o angolano valter hugo mãe (assim mesmo, com letras minúsculas), descreve o cotidiano de António Jorge da Silva, protagonista de *A máquina de fazer espanhóis* (2011, Cosacnaify), um barbeiro aposentado forçado a abandonar tudo depois após a morte da esposa, indo morar em um lar para idosos.

Em sua mudança para o lar com o irônico nome de Feliz Idade, Silva sofre uma espécie de embate consigo próprio e, a princípio, revolta-se contra uma situação limite que parece não ter volta. No novo lar, Silva conhece outros excluídos também inconformados, entre eles um homem que diz ser o Esteves do poema “Tabacaria”, o “Esteves sem metafísica”. Para Esteves, física e metafísica caminham juntas. Sob sua ótica, a metafísica só é causadora de agonia.

*quero dizer-vos que ser-se velho é viver contra o corpo. o estupor do bicho que nós somos e que já não nos suporta mais. a violência na terceira idade.* (p.126)

Silva carrega uma carga de desamparo maior do que os outros. Talvez por se recusar a aceitar a nova ordem que, a priori, caracteriza a atual conjuntura, ele se despe de falsos moralismos e também

de divindades hipócritas e distantes, simbolizadas aqui por uma imagem de Nossa Senhora. Tendo como base seu único recurso restante, a memória, Silva passa a cometer pequenas crueldades contra o “divino”, sendo que a principal delas é equiparar-lhe à pobreza da condição humana. O Lar Feliz Idade serve aqui como um microcosmo de Portugal, com todas suas mazelas e, por que não?, belezas. Esteves é a subversão do poema de Álvaro de Campos.

Para Silva, o que configura a gênese de sua desilusão é a perda de alguém ou de algo. Em seu solilóquio interno, relembra um fato ocorrido há quarenta anos, durante a ditadura de Salazar. Certa noite, ao fechar sua barbearia, Silva é forçado por sua própria consciência a esconder em seu estabelecimento um jovem militante do Partido Comunista Português. Na manhã seguinte, vai trabalhar e lá encontra o jovem que, agradecido, vai embora escondido, mas promete voltar. Em suas visitas seguintes, o jovem militante tenta despertar Silva para a vida prática, despertá-lo da hibernação alienante de toda uma nação dominada pelo fascismo. Tempos depois, Silva o entrega à polícia, tornando-se igual às pessoas que secretamente condenava. Talvez essa seja sua primeira derrocada moral.

Silva é quem simboliza toda uma classe sem perspectivas de mudança, não por ideologia, mas por pura alienação. É o retrato da classe média portuguesa dos anos 1960. E o título do romance nesse aspecto é fundamental para a compreensão da obra. Se Portugal é uma terra tão ingrata com seus filhos, nada mais natural do que não ter uma identidade própria, nacional, transformando os portugueses em espanhóis.

valter hugo mãe mostra uma verve poética poderosa e intrínseca em sua prosa, limpa e cadenciada, quase musical.

*continua na próxima edição.*

JULIANA LANZARINI

# Última gota

*dedicado a Gustavo Scussel*

Entre os lábios  
te prendo  
lambo  
contorno  
deleito  
salivo  
mordo  
aproveito  
instinto suave  
obscena estratégia  
obstinada, avanço  
em posição régia  
sem pressa  
vitoriosa  
de olhos  
cerrados  
de boca  
inteira  
da base  
ao topo  
apertada e certa  
bebo seu delicioso licor  
até a última gota de sêmen.

